

‘BICHAS VELHAS’: PEDAGOGIAS DA(S) MASCULINIDADE(S) E DA “VELHITUDE”

‘OLD FAGS’: PEDAGOGIES OF MASCULINITY(IES) AND OLD AGEⁱ

 [0000-0002-1680-7699](https://orcid.org/0000-0002-1680-7699) Alexandre Gaspari^A

^A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: 05 jul. 2022 | Aceito em: 19 set. 2022

Correspondência: Alexandre Gaspari (alexandregaspari@gmail.com)

Resumo

É o sexo entre iguais que faz um homem perder sua masculinidade? O que diferencia um “gay” de uma “bicha”? Em que momento um “maduro”, um “coroa”, transforma-se numa “cacura”? Tensionando gênero, sexualidade, geração e outros marcadores sociais da diferença a partir da noção de interseccionalidade, este artigo propõe uma reflexão sobre o “masculino” e o “velho”, a partir de apontamentos do minicurso “Bixas Velhas”, realizado em agosto de 2021, e de minha pesquisa de doutorado (em processo de conclusão), baseada em revisão teórica e entrevistas com homens de “meia idade” que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens e que moram na cidade do Rio de Janeiro e região metropolitana e no Extremo Sul da Bahia. Além de apresentar as construções da masculinidade e da “nova velhice” e mostrar como operam na formação de um “gay idoso” típico-ideal, contraposto à “bicha velha”, o texto propõe a elaboração de novas masculinidades e de uma “velhitude” como transformação da categorização negativa dada à velhice como passo crucial para desestabilizar estigmas.

Palavras-chave: Masculinidade; Geração; Homossexualidade; Gênero

Abstract

Is it sex between equals that makes a man lose his manhood? What differentiates a “gay” from a “faggot”? When does a “mature”, a “crown”, become a “old fag”? Tensioning gender, sexuality, generation and other social markers of difference from the notion of intersectionality, this article projects a reflection on the “masculine” and the “old”, based on notes from the mini-course “Bixas Velhas”, held in August of 2021, and my doctoral research (in the process of being concluded), based on theoretical review and interviews with “middle-aged” men who relate affectively and sexually with equals and who live in the metropolitan region of Rio de Janeiro and in the Far South from Bahia. In addition to presenting as constructions of masculinity and “new old age” and showing how to operate in the formation of a typical-ideal “old gay”, as opposed to the “old queer”, this text proposes the elaboration of new masculinities and a new “old age”, transforming the negative categorization of aging as we know, as a crucial step to destabilize stigmas.

Keywords: Masculinity; Generation; Homosexuality; Gender



A casa-dos-homens e a vida contada

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico é capaz de definir a forma que assume dentro da sociedade o macho humano; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o homem e o super-homem que chamamos de viril”, poderia ter escrito Simone de Beauvoir caso tivesse dedicado mais interesse ao primeiro sexo.

Arnaud Baubérot

“Não se nasce viril, torna-se viril”. O título do artigo de Baubérot (2013) que apresenta uma análise histórica sobre a “virilidade” na Europa do século 20 e suas transformações nas primeiras décadas do século 21, bem como o trecho acima citado, é inspirado em “O segundo sexo”, de Simone de Beauvoir, de 1949: “não se nasce mulher, torna-se mulher”. O autor lembra que a própria Beauvoir já escrevera, em 1972, que “não se nasce homem, torna-se homem” e que “a virilidade tampouco é dada logo de início”.

Assim, “homem”, “masculinidade” e “virilidadeⁱⁱ” não são partes constitutivas de uma “natureza humana” – bem como “mulher” e “feminilidade”. Ainda que a biologia tente explicar diferenças fisiológicas entre os “sexos” que se refletiriam no pensar e no agir, não são elas que estabelecem identidades, identificações, gostos, posturas e atitudes ditas “masculinas” ou “femininas”. “A diferença sexual é muitas vezes invocada como uma questão de diferenças materiais. Entretanto, a diferença sexual é sempre uma função de diferenças materiais que são, de alguma forma, marcadas e formadas por práticas discursivas” (BUTLER, 2020, p. 15).

Nessa elaboração do “homem” como sujeito discursivo inscrito no que Butler (2020) chama de imperativo heterossexual, Baubérot (2013) aponta a família como o local pioneiro e que “ocupa um lugar central no aprendizado das qualidades e dos papéis destinados a cada sexo” (BAUBÉROT, 2013, p. 191). No entanto, “se esse meio contribui, desde a mais tenra idade, à formação da identidade sexuada do menino, o reconhecimento de sua virilidade demandará, entretanto, que ele saia ‘da barra da saia da sua mãe’” (Ibid., p. 192).

Um dos primeiros movimentos de abandono simbólico desse lar-local do “feminino” para o aprendizado do que é “ser homem” é a formação do que Baubérot (2013) chama de “bando”: grupos que se constituem pelo “duplo pertencimento a uma mesma faixa etária e a um mesmo território – cidade, bairro ou por vezes rua” (Ibid., p. 195):

Dentro dele exacerba-se determinada relação com a masculinidade feita da dureza, dos jogos de força ou de coragem, dos desafios e da autoafirmação. Ele é também o local das iniciações: primeiros cigarros, piadas e jogos obscenos que servem como

educação sexual, primeiros desafios diante da autoridade ou primeiros furtos. Ao se atribuírem atitudes que marcam simbolicamente a masculinidade adulta, aqueles que ainda são crianças diante do olhar dos adultos procuram afirmar sua virilidade ante seus semelhantes. *A contrario*, tudo que pode lembrar a infância ou a feminilidade é severamente rejeitado. (BAUBÉROT, 2013, p. 195-196)

A ruptura com o lar como parte da construção do “homem” também é tratada por Welzer-Lang (2001). É quando “as crianças do sexo masculino deixam, de certo modo, o mundo das mulheres, quando começam a se reagrupar com outros meninos de sua idade” (WELZER-LANG, 2001, p. 462)ⁱⁱⁱ.

Esse reagrupamento é o que o autor chama de “casa-dos-homens”. Esta, porém, não é um lugar físico como aquela da família, mas um espaço simbólico e relacional (constituído também por locais físicos, mas não apenas por eles) no qual a homosociabilidade – entendida como relações sociais entre pessoas “do mesmo sexo” que envolvem amizade ou parceria – é condição necessária para o aprendizado da masculinidade.

Nessa casa dos homens, a cada idade da vida, a cada etapa de construção do masculino, em suma está relacionada uma peça, um quarto, um café ou um estádio. Ou seja, um lugar onde a homosociabilidade pode ser vivida e experimentada em grupos de pares. Nesses grupos, os mais velhos, aqueles que já foram iniciados por outros, mostram, corrigem e modelizam os que buscam o acesso à virilidade. Uma vez que se abandona a primeira peça, cada homem se torna ao mesmo tempo iniciado e iniciador. (WELZER-LANG, 2001, p. 462).

A noção de casa-dos-homens se mostra mais ampla que a de bando. Além da formação de memórias para a elaboração da masculinidade, a proposta de Welzer-Lang amplia as relações para além da mesma faixa etária. Trata-se, assim, de uma espécie de “escola”, na qual os iniciados, mais “jovens”, se tornam iniciadores quando se tornam mais “velhos”, transmitindo suas experiências e modulando os neófitos no aprendizado do masculino.

Baubérot (2013) caracteriza o bando como um local de iniciações de “jogos obscenos que servem como educação sexual”. De forma similar, na casa-dos-homens “emergem fortes tendências e/ou grandes pressões para viver momentos de homossexualidade” (WELZER-LANG, 2001, p. 462):

Competições de pintos, maratonas de punhetas (masturbação), brincar de quem mija (urina) o mais longe, excitações sexuais coletivas a partir de pornografia olhada em grupo, ou mesmo atualmente em frente às strip-poker eletrônicas, em que o jogo consiste em tirar a roupa das mulheres... Escondidos do olhar das mulheres e dos homens de outras gerações, os pequenos homens se iniciam mutuamente nos jogos do erotismo. Eles utilizam para isso estratégias e perguntas (o tamanho do pênis, as capacidades sexuais) legadas pelas gerações precedentes. Eles aprendem e reproduzem os mesmos modelos sexuais, tanto pela forma de aproximação quanto pela forma de expressão do desejo. (WELZER-LANG, 2001, p. 462)

Parece evidente também que essa “escola da masculinidade” – seja o bando, seja a casa-dos-homens – tem a violência como uma de suas principais disciplinas. Ela pode ser psicológica ou física. E também sexual, explica Welzer-Lang (2001).

O masculino é, ao mesmo tempo, submissão ao modelo e obtenção de privilégios do modelo. Alguns homens mais velhos se aproveitam da credulidade dos novos recrutas e essa primeira peça da casa é vivida por numerosos meninos como a antecâmara do abuso. [...] Não somente o pequeno homem começa a descobrir que, para ser viril, é preciso sofrer, mas também [...] o menino é, às vezes, iniciado sexualmente por um adulto. Iniciado sexualmente pode também significar violado. Ser obrigado – sob obrigação ou ameaça – de acariciar... de chupar ou de ser penetrado de maneira anal por um sexo ou um objeto qualquer. Masturbar o outro. Deixar-se acariciar... (WELZER-LANG, 2001, p. 464)

A “nova velhice” e a (quase) eterna juventude

Como mencionado na nota ii, dicionários da língua portuguesa definem “virilidade” como “idade do homem entre a adolescência e a velhice”, entre outros significados. É uma explicação simplória, por não precisar quando acaba a adolescência e começa a velhice, os “marcos temporais” da masculinidade. E também questionável porque “desmasculiniza” homens “velhos”, tirando seu “caráter másculo”, seu “esforço”, sua “energia” e seu “vigor” – outras definições dicionarizadas de virilidade/masculinidade.

É claro que não se espera de dicionários explicações elaboradas. Mas, essa definição, em particular, mostra-se útil para a análise de marcos do curso da vida – e, particularmente, daqueles que delimitam o que conhecemos como “velhice”, tanto para homens quanto para mulheres. Afinal, o tempo como o vivemos hoje é parte constitutiva do que somos. No entanto, assim como ocorre com “homem”, “mulher”, “masculinidade”, etc., traz mais modulações do que supõe a nossa “vã” biologia.

A percepção do envelhecimento se modificou na sociedade ocidental no curso histórico. Debert (1997) lista três etapas da mudança do paradigma da “maturidade”:

A pré-modernidade, em que a idade cronológica é menos relevante do que o status da família na determinação do grau de maturidade e do controle de recursos de poder; a modernidade, que teria correspondido a uma cronologização da vida; e a pós-modernidade, que operaria uma desconstrução do curso da vida em nome de um estilo unietário (DEBERT, 1997, p. 121)

O que a autora aponta como paradigma pós-moderno da “velhice” vem sendo construído a partir dos anos 1970. Como explica Peixoto (2000),

A idade não é mais um indicador de normas de comportamento e de estilo de vida – os novos mercados de consumo se abrem a todas as idades e a publicidade estimula o

rejuvenescimento; o modelo dominante na sociedade ocidental [...] é aquele da juventude e da beleza. (PEIXOTO, 2000, p. 195)

Expressões como “terceira idade” e “melhor idade” são uma criação linguística que tenta dar efeitos positivadores a essa mudança e transformar o que é “ser velho”, despreendendo o envelhecimento do tempo cronológico. A velhice passa, portanto, por uma “atribuição de novos significados aos estágios mais avançados da vida, que passam a ser tratados como momentos privilegiados para novas conquistas guiadas pela busca do prazer” (DEBERT, 1997, p. 126). Assim, “a imagem de uma velhice monótona, solitária, estereotipada perde, aos poucos, sua força e se desfaz” (PEIXOTO, op. cit., p. 195).

Uma possível correlação entre a construção da masculinidade, apontada por Welzer-Lang (2001) e Baubérot (2013), e a reconfiguração da velhice na pós-modernidade envolve as relações com a família. Assim como se aprende a ser “homem” longe do lar familiar – ou melhor, da “barra da saia da mãe” –, a “nova velhice” também se constrói nas relações estabelecidas fora de casa:

A identificação do peso que a sociabilidade, tecida nos lugares públicos, adquire na vida cotidiana das pessoas envelhecidas permite, também, refletir sobre as transformações das relações familiares: a mudança do papel desempenhado no interior da família não conduz à ruptura dos laços familiares, mas a prática da vivência não é mais praticada predominantemente no seio da família. Conquistando um espaço de sociabilidade outro, as pessoas envelhecidas mudam a imagem que lhes é habitualmente imposta. (PEIXOTO, 2000, p. 195)

Um ponto sensível do envelhecimento envolve a prática da sexualidade. Se até os anos 1960/1970, envelhecer significava, além do declínio fisiológico, a “asexualização” desses corpos tidos como “velhos”, a atuação da gerontologia e da sexologia a partir dessa época criou mais do que soluções clínicas para “rejuvenescer” a aparência física e aumentar o cuidado de si. Nesse momento surge o que Debert e Brigeiro (2012) classificam como “erotização da velhice”.

Tal processo, que busca tornar o desejo e as relações sexuais como parte integrante da velhice, também se constrói sob o imperativo heterossexual. Mas apresenta certa inversão entre os desejos sexuais masculinos e femininos.

O processo de erotização da velhice conduzido pelos saberes especializados reproduz simultaneamente uma normatividade heterossexual e sugere como parte das prescrições para um envelhecimento bem-sucedido uma inversão do que é tido como próprio da sexualidade feminina e masculina. Uma das vias especialmente proposta pela gerontologia e a sexologia para tal empreitada é a desgenitalização da sexualidade masculina, insistindo na importância de que os homens na velhice explorem novas áreas de prazer em seus corpos, uma sexualidade mais complexa e difusa, tal qual estas disciplinas reconhecem ser típico do universo feminino. No caso

das mulheres, um dos caminhos para manutenção da atividade sexual é o questionamento dos códigos morais mais restritivos que supostamente fundamentaram seu aprendizado da sexualidade. Estimula-se, por exemplo, que elas não vinculem mais a prática sexual ao desejo do parceiro e sim ao seu próprio, e que a velhice traga consigo também a possibilidade de liberar-se da preocupação com os filhos e com o julgamento da sociedade, para assim assumir abertamente seu interesse pelo sexo. (DEBERT E BRIGEIRO, 2012, p. 38)

Assim, os avanços biomédicos e biotecnológicos atuam para ressignificar o envelhecimento. Ao ampliar as possibilidades de um autoinvestimento das pessoas no cuidado de si, cria-se, simbolicamente, duas posições-de-sujeito na velhice. Uma delas, individual, aponta que “só é velho quem quer”. A outra, relacional, sugere que “velho é o outro, não eu”.

Entretanto, o fato de o envelhecimento não ser apenas biológico não faz com que ele deixe de ser também biológico. Logo, a busca da juventude como um estado físico e mental dissociado da idade cronológica, – e que, por isso, pode ser buscado permanentemente – tem limites fisiológicos. Entretanto, tal limitação costuma ser ignorada: “o declínio inevitável do corpo, do corpo que não responde às demandas da vontade individual, é antes percebido como fruto de transgressões e por isso não merece piedade” (DEBERT, 1997, p. 127).

Um efeito perverso disso é que, “no caso da velhice, [...], dificilmente poderíamos supor que há uma democratização das relações e uma tolerância maior com o corpo envelhecido” (Ibid., p. 127).

O gay, a bicha, o maduro, a cacura: o (b)anal, o gênero e a geração

- *Pai, eu sou gay.*
- *Não, você não é gay, meu filho...*
- *Sou sim, pai!*
- *Você tem um apartamento chique, um carro de luxo, uma bela casa de praia?*
- *Não...*
- *Então você não é gay. Você é só uma bichinha...*

Autoria desconhecida

Como visto, a “escola da masculinidade”, esse espaço simbólico distante da “barra da saia da mãe” que elabora o “homem” por meio da homossociabilidade, tem como uma de suas disciplinas os jogos de erotismo. Esses jogos incluem práticas sexuais entre esses homens, como parte da formação do “ másculo”. Mas, se, de fato, o homoerotismo entre “caras” constitui o “homem”, em que momento este homem deixa de sê-lo e é levado a “ser” homossexual?

Para Sáez e Carrascosa (2016):

Se a masculinidade não está nos genitais (existem biomulheres masculinas e existem trans F2M^{iv} que são homens sem genitais masculinos), nem nos hormônios... onde está? Ora, no cu, ou, mais precisamente, em sua impenetrabilidade. Claro que isso é assim dentro do regime heterocentrado e machista. (SÁEZ E CARRASCOSA, 2016, p. 86)

Inicialmente, é preciso lembrar que a homossexualidade como categoria classificada, rotulada, nomeada, é anterior ao que chamamos “heterossexualidade”, como mostra Foucault (1994). Foram a medicina, a psiquiatria e a psicologia que definiram, no século 19, quem (ou o que) era um/a homossexual. E a partir da nomeação originária da homossexualidade se criou, como consequência, a nomeação da heterossexualidade.

Não significa, obviamente, que não havia práticas homoeróticas antes desse período temporal. Entretanto, as relações sexuais entre iguais não desqualificavam um homem. Foucault (2010) diz, em relação à Grécia antiga, que:

De fato, a noção de homossexualidade é bem pouco adequada para recobrir uma experiência, formas de valorização e um sistema de recortes tão diferentes do nosso. Os gregos não opunham, como duas escolhas excludentes, como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes, o amor ao seu próprio sexo ao amor pelo sexo oposto. As linhas de demarcação não seguiam uma tal fronteira. A oposição entre um homem temperante e senhor de si e aquele que se entregava aos prazeres era, do ponto de vista da moral, muito mais importante do que aquilo que distinguia, entre elas, as categorias de prazer às quais era possível consagrar-se mais livremente. Ter costumes frouxos consistia em não saber resistir nem às mulheres nem aos rapazes, sem que este último caso fosse mais grave que o outro (FOUCAULT, 2010, p. 237).

Posteriormente, a penetração entre homens se tornou alvo de reprovação e perseguição na Europa, consequência da expansão do catolicismo/cristianismo no continente a partir do Império Romano. Mesmo assim, “a sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de actos proibidos; o seu autor não passava de seu sujeito jurídico” (Id., 1994, p. 46).

Entretanto, no século 19, os saberes psico-médicos de então não apenas “criam” a homossexualidade, como a situam no lugar do desvio, da patologia e da perversão. Mas, como explica Foucault (1994), menos referente às práticas sexuais entre “pessoas do mesmo sexo” e mais à “inversão” entre masculino e feminino. Ou seja, mais uma questão de gênero do que de sexualidade:

O homossexual do século XIX tornou-se um personagem: um passado, uma história e uma infância, um carácter, uma forma de vida; e uma morfologia também, com uma anatomia indiscreta e talvez uma fisiologia misteriosa. Nada do que ele é totalmente escapa à sua sexualidade. [...] Não se deve esquecer que a categorização psicológica, psiquiátrica, médica, da homossexualidade se constitui desde o momento em que a caracterizam [...] menos por um tipo de relações sexuais do que por uma certa maneira de inverter em si mesmo o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi abatida à prática da sodomia, passando a uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um relapso, o homossexual é agora uma espécie. (FOUCAULT, 1994, pp. 46-47)

Se o surgimento da homossexualidade como categoria – a princípio, patológica e desviante – é mais relacionada à “feminilização” do homem como performance^v social, parece pertinente supor que a masculinidade não seria “ameaçada” pela penetração anal. O que é admitido mesmo por Saéz e Carrascosa (2016), embora tratando de práticas sexuais entre iguais:

Certas comunidades de couro e sadomasoquistas gays e lésbicas têm subvertido esse regime, e têm desenvolvido uma apropriação da masculinidade precisamente pelo lugar mais inesperado, por uma valorização do papel passivo na penetração. (SÁEZ E CARRASCOSA, 2016, p. 86)

Assim, homens que fazem sexo com outros homens podem não perder a sua “tão duramente conquistada e constantemente ameaçada” masculinidade. Mas, para isso, há modulações – e interdições.

Em sua análise sobre as masculinidades envolvidas (e negociadas) entre grupos que nomeia como homens “de verdade”, “flexíveis” e “que aguentam”^{vi} –, Gaspari (2019) mostra que, para os primeiros, a admissão pública de qualquer relação homoerótica só se dá em contextos muito específicos, colocando-a como algo que gerou benefício financeiro e no qual o homem “de verdade” foi ativo – ou seja, penetrou, e não foi penetrado. Já os homens “flexíveis” apregoam que a admiração e eventuais práticas afetivas e sexuais entre iguais são um reforço de sua masculinidade, e não um fator de “desmasculinização”. Para isso, porém, é preciso manter o ânus impenetrável – para eles, beijar, acariciar e até mesmo fazer sexo oral em um *brother* é coisa de homem. Já dar o cu é coisa de “não-homem”, ou seja, de gay.

Essa diferenciação é expressada na sigla que essa comunidade criou – g0y, com um “zero” no lugar do “a” – e na bandeira que os representa, que é composta por quatro faixas, três delas com variações de tons de azul e uma faixa branca (Figura 1).

Figura 1 – Bandeira do movimento g0y



Fonte: Disponível em: https://aminoapps.com/c/comunidade-lgbt/page/blog/13-bandeiras-que-representam-identidade-orientacao-sexual-ou-genero/WJZo_jDzHXuLJjLdD4lvozVorRlzPe6j60r
 Acesso em: jun 2022

As articulações: notas sobre marcadores sociais e interseccionalidade

Os g0ys buscam se diferenciar dos gays pela interdição de uma prática sexual: a penetração anal. Para eles, é o ânus, portanto, o limite entre o que é “ másculo” ou “viril” e o que não é.

Mas, mesmo entre homens que assumem socialmente práticas afetivas e sexuais com outros homens e que não interdita o ânus, há diferenciações que vão além do ser ativo/que penetra; passivo/que é penetrado; e versátil/que penetra e é penetrado. Embora haja outras práticas entre esses homens – como o *gouinage*, que, grosso modo, é uma relação sexual sem penetração –, não é na cama que tais distinções do que é ou não masculino se configuram.

A epígrafe deste capítulo é uma piada antiga, mas que continua disponível na internet até hoje. Ela traz dois termos usados na linguagem coloquial brasileira: “gay” (de origem inglesa, mas amplamente usado no Brasil como sinônimo de homossexual) e “bichinha”. O texto não menciona relações sexuais entre homens, mas pressupõe-se que seja isso, a princípio, que marca a autodenominação por parte do filho e a renomeação por parte do pai.

A anedota parece ser grosseira. Entretanto, o curto diálogo é um bom exemplo de que há muito mais nas categorizações da homossexualidade do que uma “transa” entre homens, quer eles usem seus ânus para obter prazer, quer não.

Assim, as nomenclaturas para o “homossexual como espécie”, lembrando Foucault (1994), superam os saberes especializados. Elas se deslocam entre a “acusação” e a “aceitação” desses sujeitos no meio social. Isso reflete não apenas as disputas nos campos científico, ideológico e sociopolítico pela desestigmatização da homossexualidade, mas também a articulação entre sexualidade e outros marcadores sociais da diferença acionados nas relações cotidianas.

Na anedota aqui apresentada, é evidente que a classe social opera para transformar, na visão do pai, o filho, de “gay” em “bichinha”. Entretanto, é bem provável que qualquer leitor/leitora que tenha mais de 40 anos e viva no Brasil desde seu nascimento tenha escutado alguma piada em que, ao nomear “bichinha”, quem contava a anedota adotava trejeitos tidos como “femininos”, numa aparente “inversão” de gênero^{vii}.

Faz-se necessário, assim, apresentar a noção de interseccionalidade – que tem na estadunidense Kimberlé Crenshaw uma de suas precursoras – para o entendimento de como se dá essa articulação entre sexualidade, classe social, gênero e outras categorias sociais de diferenciação.

Cho *et al.* (2013) apontam que

A interseccionalidade surge no final dos anos 1980 como um termo heurístico para tratar das dinâmicas contraditórias da diferença e das solidariedades entre iguais no contexto dos movimentos políticos e sociais antidiscriminação. Ela mostra como uma única linha de pensamento enfraquece o pensamento legal, a produção de conhecimento disciplinar e as lutas por justiça social. Ao longo desse período desde seu surgimento, a interseccionalidade vem provando ser um conceito produtivo que se estende a variadas disciplinas, como história, sociologia, literatura, filosofia e antropologia, bem como em estudos feministas, étnicos, queer e jurídicos^{viii}. (CHO *et al.*, 2013, p. 787)

Assim, de acordo com Moutinho (2014),

A expressão ou campo “interseccionalidade” tem uma marca: traz um aporte feminista e antirracista. Mas esses marcadores ou clivagens estão presentes em outras análises. Não se trata, portanto de se entender esse como um campo homogêneo. Corrêa (2000) argumenta que as análises sobre raça e gênero no Brasil datam da própria constituição da antropologia como campo disciplinar (MOUTINHO, 2014, p. 211).

Do maduro à cacura: corpo, gênero, classe social, raça e suas estigmatizações

Quando observamos sob o prisma da idade/geração, a articulação desta com marcadores sociais da diferença como corporalidade, gênero e sexualidade, se desdobra em outros significados, também variantes entre a valorização/aceitação, como fator positivo, e a acusação/estigmatização, no polo oposto.

Homens “mais velhos” ou de “meia idade^{ix}” podem ser positivamente “maduros”, se trazem marcas corpóreas e/ou emocionais que ilustram a passagem de um tempo considerado “bem vivido”, de cuidado de si e estabilidade de suas emoções. Podem ser neutramente “coroas^x”, “tios” ou “*daddies*”, categorizações determinadas sobretudo por características físicas que, em determinadas situações, podem pender para o positivo e também para o negativo^{xi}. Podem ser também os “tiozões^{xii}”, termo geralmente de tom negativo usado para apontar aqueles que “ousam” adotar estilos de vida considerados “joviais demais para a sua idade” e que buscam se relacionar com pessoas “mais novas”.

Essas expressões são usadas para se referir tanto a homens heterossexuais e homossexuais. Para estes últimos, contudo, costumam ser mais usadas se performam socialmente um padrão de masculinidade inscrita no imperativo heterossexual, lembrando Butler (2020).

Se esses homens “mais velhos” assumem publicamente fazer sexo com outros homens e não se adequam a uma performance tida como masculina, a articulação entre sexualidade, gênero e geração cria outros nomes. O mais evidente deles já se intersecciona com o gênero,

transformando “o tio” em “a tia” – algo similar ao que ocorre com “o gay” e “a bichinha”. Na mescla deste homem “velho” e “afeminado” surge a “bicha velha”.

A “bicha velha” também é chamada de “cacura”. Trata-se de uma adaptação “nativa”, ou seja, feita por homossexuais, de “Cacarucai”, que, nas religiões afro-brasileiras, determina um “indivíduo (encarnada ou desencarnada) muito idosa. É usada a forma CACARUCAIA, quando se trata de feminino. Usam-se também as formas CACURUCAI e CACURUCAIA”, conforme definição do “Dicionário de umbanda”, da Aldeia de Umbanda Mamãe Oxum e Pai André (Aumopa).

No “Dicionário inFormal”, que se apresenta como um “dicionário de português gratuito para internet, onde as palavras são definidas pelos usuários” e que, com isso, pretende “documentar a evolução online do português”, podemos encontrar as seguintes definições para “cacura” – cada uma delas feita por um usuário diferente:

1. Homossexual (masculino) de idade avançada, com mais de 40 anos, enrugado. Geralmente a expressão é usada pra definir homens enrustidos e de mais idade.
2. Um termo esdrúxulo para discriminar ainda mais homossexuais (masculinos), com faixa etária maior ou semelhante aos 40 anos.
3. Bicha velha.
4. Velho, idoso. Muito usado no meio "moderninho".

Das quatro definições disponíveis, apenas uma, a de número 2, aponta o termo como negativo. Os demais reforçam a estigmatização de homossexuais masculinos mais “velhos”. E embora se refiram apenas às marcas corporais e à idade, na prática outros marcadores sociais da diferença para “acusar” quem é “a cacura” – no feminino, em contraponto a “o maduro”, masculino.

Assim, no mercado homoerótico entre homens, a “cacura” apareceria como uma “casta sexual”, usando a noção de Rubin^{xiii} (2003) que hierarquiza práticas sexuais dos sujeitos a partir da reunião e/ou do cruzamento de variados marcadores, das mais desprezadas. Sobretudo com o permanente reforço do homem homossexual “típico-ideal” na “subcultura gay”.

Uma representação frequente na mídia do homem homossexual exemplar é um reflexo do pensamento que guiou sua construção: ele é intelectualizado, branco, de classe média ou alta, geralmente sensível à arte, um grande consumidor, de gostos refinados, jovem e de boa aparência. O contrário desta imagem-modelo é personificado por um homem efeminado, não necessariamente jovem, com trejeitos que se aproximam do ridículo, cujas roupas ou delatam seu pouco capital econômico, ou são de mau gosto e com preocupações banais (BENÍTEZ, 2013, pp. 134-135, edição digital).

A observação de Benítez (2013) é confirmada no vídeo “Como é ser gay idoso?”^{xiv}. A produção é do “Põe na roda”, que se apresenta como um projeto de “informação, cultura e entretenimento LGBT”, de acordo com descrição^{xv} em seu site. O vídeo foi disponibilizado no canal do “Põe na roda” no YouTube em 20 de julho de 2016 e apresentado no minicurso “Masculinidades e Bixas Velhas^{xvi}”, em agosto de 2021.

Trata-se de uma espécie de “entrevista”, em formato ping-pong (perguntas e respostas), com quatro homens acima de 60 anos e que se autodenominam gays. Entre os entrevistados está o escritor João Silvério Trevisan, autor de “Devassos no paraíso”, livro que é considerado uma das referências em pesquisa histórica sobre práticas homossexuais entre homens no Brasil.

Figura 2 – O escritor João Silvério Trevisan na chamada do vídeo do “Põe na roda”



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEmP240Iffg&t=4s>

Acesso em: jun 2022

A produção traz um pouco da história desses homens, desde a descoberta de sua homossexualidade, passando por suas vidas privadas e chegando ao envelhecimento. É, portanto, um material que ajuda a reverter a visão dos sociólogos John Gagnon e William Simon, de que homossexuais “contavam com menos recursos do que os seus correspondentes heterossexuais para enfrentar a crise do envelhecimento” (SIMÕES, 2004, p. 418), e de Weeks (1983), que via o envelhecimento como “uma nova modulação da força do estigma” (WEEKS, 1983, p. 241) que a homossexualidade já carregava em si.

Contudo, o vídeo traz como personagens apenas homens brancos. Todos são de classe média, e algumas imagens mostram o seu poder aquisitivo. Todos parecem demonstrar “passabilidade”, performando, assim, o gênero masculino.

Talvez por isso que o vídeo não se chama “Como é ser bicha velha?”...

Os “senhores” de si: masculinidade(s), desejos e o passar do tempo

Essa geração de gays que hoje envelhece está reinventando a velhice colocando em prática a receita ‘prazer de viver’ como se é, ou está se entregando às

mazelas brutais do mercado da aparência física, que atribui certo sentido de beleza como padrão de estímulos à felicidade?

Murilo Peixoto da Mota

No final da década de 2000 e início dos anos 2010, Murilo Peixoto da Mota desenvolveu sua pesquisa de doutorado tendo como tema homossexualidade masculina e envelhecimento. Seus sujeitos de estudo foram homens a partir dos 60 anos, moradores da cidade do Rio de Janeiro – sobretudo do Centro e da Zona Sul da cidade –, de classe média.

É uma geração que viveu dois momentos emblemáticos para a população LGBTQIA+ em níveis social e político, no Brasil e no mundo: a revolta no bar Stonewall Inn, em Nova York, em 1969 – considerado um marco global para o fortalecimento do movimento em busca da desestigmatização da homossexualidade e da obtenção de direitos civis similares aos garantidos aos heterossexuais – e o surgimento do vírus HIV, que foi moralmente nomeado como “câncer gay” quando pouco ou nada se conhecia sobre a doença e que afetou profundamente o exercício erótico homossexual, sobretudo entre homens.

Quando Mota finalizou sua pesquisa, em 2011, o controle da infecção por HIV por medicamentos mais eficazes e com menos efeitos colaterais já era uma realidade, eliminando a quase “sentença de morte” associada ao vírus nas décadas de 1980 e 1990. Contudo, ainda não havia as profilaxias pré e pós exposição ao HIV (PrEP e PEP, respectivamente), que trouxeram uma outra perspectiva de prevenção além do uso do preservativo durante as relações sexuais.

Outra mudança se deu nos direitos civis no Brasil. A união estável entre homoafetivos foi reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2011. Dois anos depois, em 2013, resolução publicada pelo Conselho Nacional de Justiça garantiu o casamento homoafetivo e a conversão de união estável em civil entre homossexuais.

Assim, o que diferencia os sujeitos de minha pesquisa de doutorado – homens de “meia idade” (*ver nota ix*), com práticas homossexuais e homoafetivas, moradores do Rio de Janeiro e cidades do entorno ou de cidades do Extremo Sul da Bahia – e os de Mota não é apenas os recortes etário e territorial. A diferença temporal dos estudos, apesar de ser relativamente curta (cerca de dez anos), trouxe mudanças sociopolíticas que alteraram contextos e, com isso, as relações.

Em comum, porém, mantém-se o questionamento de Mota reproduzido na epígrafe deste capítulo: esses homens “mais velhos” estão ressignificando o envelhecer, transformando-o numa nova experiência de prazer por si só – o que proponho chamar de “velhitude”? Ou,

pressionados pelo mercado erótico e picados pela “mosca azul” da “eterna juventude”, buscam empurrar o envelhecer para o mais longe possível de suas aparências físicas?

Em minha pesquisa, conversei com 14 homens – dez do Rio de Janeiro e cidades do entorno, quatro do Extremo Sul da Bahia e um que atualmente está morando em Portugal, mas que nasceu, cresceu e viveu a descoberta e a assunção de sua homossexualidade no Rio e morava na cidade até pouco tempo. Ainda que as informações obtidas estejam sob análise, é possível antecipar algumas observações, relacionadas à masculinidade, às experiências sexuais, ao lugar da família e ao que pensam sobre o passar do tempo:

1) Masculinidade: A maioria dos entrevistados exclui de seus desejos sexuais homens “afetados” ou “afeminados”. As explicações para isso são variadas, mas, em geral, procuram separar mentalmente o que é “ser homem” e o que é “ser mulher”. E não tem relação com a posição sexual na cama, se ativo ou passivo. O que reforça que a “interdição do cu” apontada por Saéz e Carrascosa (2016) como marca do “ másculo” não se sustenta. Na prática dos desejos entre esses homens, ter o ânus penetrado não é algo que “afemine”.

O que não ocorre quando se trata da identidade de gênero assumida na vida cotidiana. E isso até envolve aspectos físicos: um dos sujeitos disse não sentir atração por homens de cabelos longos, porque remetem ao feminino. O uso de símbolos associados ao feminino, como roupas, maquiagem, esmalte, a voz “afeminada”, os trejeitos associados ao feminino, são rechaçados quando se trata do desejo.

2) Família, repressão e aceitação: Para todos os sujeitos entrevistados, a família funcionou como elemento de controle do desejo homossexual, em maior ou menor grau. A preocupação com a reação familiar a partir da descoberta desse desejo foi comum a todos. Mas se observa também que, se no início, em algumas situações, a reação familiar foi negativa, por vezes repressiva e até violenta, a passagem do tempo e a consolidação de uma posição social independente financeiramente fizeram com que os familiares passassem a conviver com essa condição.

Em algumas situações, sobretudo dos sujeitos que têm ou tiveram relacionamentos duradouros, o parceiro foi acolhido positivamente no convívio familiar. Em outras – principalmente nas situações em que o sujeito não “assumiu”, ou melhor, não “comunicou oficialmente” a família de sua homossexualidade, o parceiro era tratado nos eventos familiares como “o amigo”.

3) Família, iniciação nas práticas homossexuais: Alguns dos sujeitos entrevistados iniciaram suas práticas sexuais homoeróticas com integrantes de sua família, inclusive com membros mais velhos.

4) Religião: Alguns dos sujeitos narraram que a religião na qual foram inseridos pela família afetou tanto o exercício do homoerotismo como a assunção para si de seus desejos por outros homens. Em alguns casos, “apostaram” na religião como um meio de se livrar desse desejo, um “pecado” e, portanto, uma “escolha”.

Um desses homens abandonou a igreja evangélica que frequentava ainda na adolescência. Rompeu com a ideia de que estava “em pecado” quando admitiu para si que “Deus me fez assim, então, não pode ser errado”. Outro insistiu na sublimação de seu desejo por outros homens na igreja até o início da vida adulta, com pouco mais de 20 anos.

Uma característica comum é que ambos não apenas abandonaram as igrejas que frequentavam, como também não procuraram outras igrejas e/ou religiões.

5) O que teme no envelhecimento: Decadência física, decadência mental e solidão são os três fatores que mais preocupam os homens de meia-idade entrevistados quanto ao envelhecimento.

Diante da pergunta sobre o medo de envelhecer, a grande maioria dos sujeitos respondeu não ter receio quanto à passagem do tempo. Contudo, quando se desdobra a pergunta, os medos não demoram a aparecer. E não são convergentes.

Entre homens solteiros ou sem um relacionamento afetivo “duradouro”, observa-se um maior medo da solidão. Já os sujeitos com relacionamentos fixos, as maiores preocupações se dão com a decadência do corpo ou da capacidade mental.

Um fato curioso é que nenhum dos entrevistados citou ter medo da impotência sexual. O que pode ser resultado do avanço farmacológico que se iniciou com o Viagra e se expandiu com a disponibilização de diversos outros medicamentos contra a impotência.

6) Ainda velhice, não “velhitude”: Mesmo tentando disfarçar pré-conceitos sobre o envelhecimento, em geral os sujeitos entrevistados ainda reforçam o discurso que negativa a categoria “velhice”. Assumir-se “velho” é algo incômodo para esses homens.

Os depoimentos mostram que, para alguns desses homens, a percepção do passar do tempo e do envelhecimento ocorreu a partir da visão “do outro”. Ou seja, foi quando foram chamados por outras pessoas de “senhor”, de “maduro”, de “coroa”, de “daddy”, é que se deram conta de que passaram a uma outra etapa da vida.

Assim,

A velhice é um fato na trajetória da vida e é percebida muitas vezes como problema em uma sociedade que supervaloriza a juventude, o hedonismo, a produtividade mecânica. Assim, o retrato da velhice é feio e por isso o velho é sempre o outro a quem não se quer enxergar, pois nesta sociedade é recorrente que se busque manter o ideal de aparência e estilo jovem. (MOTA, 2014, p. 20)

Considerações finais

É fato que a “escola de masculinidade” – esteja ela nos bandos de Baubérot (2013), na casa-dos-homens de Welzer-Lang (2001) ou em qualquer outro espaço físico ou simbólico –, vem sendo transformada. A própria noção de “masculinidade hegemônica”, definida como “a configuração de práticas de gênero que incorporam a legitimação do patriarcado, que garantem (ou são usadas para garantir) a posição dominante dos homens e a subordinação das mulheres^{xviii}” (CONNELL, 2005, p. 77), que, a princípio, é a referência para essa virilidade-padrão a ser atingida pelos homens para que sejam homens, é contestável.

Primeiro, porque é nitidamente etnocêntrica, baseada numa sociedade branca e de padrões europeus. Depois, por imaginar essa “masculinidade hegemônica” como algo monolítico, singular e engessado, ainda que se altere no tempo e no espaço. Por fim, porque, ainda que Connell liste masculinidades “cúmplices e “subalternas” em relação a esse padrão hegemônico, não considera os possíveis trânsitos entre que os homens fazem entre essas posições-do-masculino, tanto nas relações com mulheres com entre eles.

Ainda assim, essa performance de gênero da “masculinidade viril”, para evitar o termo “hegemônico”, mas marcar esse tipo-ideal do “macho”, continua sendo referência. Nas práticas sexuais entre homens, é ela quem delimita não apenas desejos – como apontado pelos sujeitos de minha pesquisa –, mas também hierarquias e distinções. Se ainda há heterossexuais capazes de perguntar a casais de homens “quem é o homem e quem é a mulher” da relação, numa clara alusão a “quem dá e quem come”, nas relações homoafetivas e homoeróticas entre homens não é o ânus que está em questão, mas sim quem parece “homem” e quem parece “mulher”.

Quando pensamos no curso da vida, também são inegáveis as transformações positadoras do envelhecer. No entanto, a tentativa de transformar a velhice de um lugar de degradação física, mental e sexual para a “melhor idade”, em vez de promover o passar do tempo – ou melhor, os sinais físicos e aparentes dessa passagem – como integrante da vida da pessoa e disponível para desejar e ser desejado(a), tornou-o um “desleixo”, tanto de homens como de mulheres. A mesma evolução biomédica que promete prolongar a vida com melhor qualidade criou tecnologias para rejuvenescer corpos envelhecidos, sobretudo em sua aparência

externa. Portanto, não se valoriza a velhice, mas sim quem tem uma idade cronológica avançada, mas que “não parece” ter.

No mercado homoerótico dos homens, o “parecer velho” não apenas diminui as chances de sucesso de realizar desejos, mas se articula com outros marcadores que, no limite, transformam o “idoso gay” na “bicha velha” ou “cacura”.

Não se pode ignorar os agenciamentos desses homens na tentativa de quebrar essas estigmatizações que interseccionam gênero, corporalidade, classe social, geração, raça. Como aponta Brah (2006),

A diferença não é sempre um marcador de hierarquia e opressão. Portanto, é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política (BRAH, 2006, p. 374).

No caso dos homossexuais “mais velhos”, por exemplo, há comunidades em redes sociais, como o Facebook e o Instagram, que valorizam homens tidos como “velhos”, “fora de forma”, de variadas raças e sem aparente diferenciação entre classes sociais.

Contudo, o que se espera é que tanto esse aprendizado do masculino quanto da velhice sejam ressignificados. Assim, que se multipliquem cada vez mais outras masculinidades que não aquela “viril”, associada à violência, à discriminação do “feminino” – esteja ele configurado num corpo de mulher ou de homem – ao abuso, comumente referencial ao que é “ser homem”. E que se construa a velhice como uma “velhitude” – uma brincadeira linguística que se contrapõe à “juventude” –, uma parte constitutiva de qualquer pessoa que, assim como em outras fases do curso da vida, tem suas dores, mas também seus prazeres – e que estes independem da busca por uma “eterna juventude”, ilusória e, acima de tudo, inexistente.

Referências

- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (org.). *História da virilidade 3: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 189-220.
- BENITÉZ, Maria Elvira Díaz. Buraco da Lacreia: interação entre raça, classe e gênero. In: VELHO, Gilberto (org.). *Rio de Janeiro: cultura, política e conflito*. Edição digital. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2013, pp. 128-155.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. In: *Cadernos Pagu*, n. 26. Campinas, janeiro-junho de 2006, pp. 329-376.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”*. São Paulo: n-1 edições e Crocodilo Edições, 2020

CHO, Sumi; CRENSHAW, Kimberlé Williams; MCCALL, Leslie. *Toward a field of intersectionality studies: theory, applications, and praxis*. In: *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 38, n. 4. Chicago, EUA, 2013, pp.785-810.

CONNELL, R. W.. *Masculinities*. 2nd ed.. Berkeley and Los Angeles (CA/USA): University of California Press, 2005.

DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e curso da vida. In: *Revista Estudos feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 1, 1^o semestre de 1997, pp. 120-128. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12564/11720>>. Acesso em: junho de 2022.

DEBERT, Guita e BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 27, n. 80. São Paulo, outubro de 2012, pp. 37-54. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/4ZCPxm3dySBsmm79BJFmmfR/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em junho de 2022.

DICIONÁRIO de umbanda. Disponível em <<http://aumopa.org/pequeno-dicionario-da-umbanda/>>. Acesso em junho de 2022.

DICIONÁRIO Informal. Disponível em <<http://www.dicionarioinformal.com.br/>>. Acesso em junho de 2022.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores, 1994.

_____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. São Paulo: Edições Graal, 2010.

GASPARI, Alexandre. Homens de verdade, homens flexíveis, homens que aguentam: modulações hegemônicas entre masculinidades (b)anais. In: LAHUD, Simoni e SOUZA, Rolf Malungo de (org). *Etnografias urbanas: masculinidades*. Rio de Janeiro, Edições Malungo, 2019, p. 9-33

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 18 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOTA, Murilo Peixoto da. *Ao sair do armário, entrei na velhice... homossexualidade masculina e o curso da vida*. Rio de Janeiro: Mobile, 2014

MOUTINHO, Laura. Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes. In: *Cadernos Pagu*, n. 42. Campinas, janeiro-junho de 2014, pp. 201-248.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro*. São Paulo: Annablume, 2000.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. In: *Cadernos Pagu*, n. 21. Campinas, 2003, pp. 1-81.

SÁEZ, Javier e CARRASCOSA, Sejo. *Pelo cu: políticas anais*. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SIMÕES, Júlio de Assis. Homossexualidade masculina e curso de vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio. *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004, pp.415-447.

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges (org.). *História da virilidade 3: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013, pp. 424-453.

WEEKS, Jeffrey. Os problemas dos homossexuais mais velhos. In: HART, John e RICHARDSON, Diane (org.). *Teoria e prática da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2º semestre de 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/WTHZtPmvYdK8xxzF4RT4CzD/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: junho 2022.

NOTAS

ⁱ Por se tratar de um neologismo, não se encontrou o termo “velhitude” em inglês. Os termos mais próximos são “velhidade” e “velhice”, ambos traduzidos como “old age” pelo Google. Optou-se por traduzi-lo dessa forma.

ⁱⁱ Há uma certa dificuldade em saber quais seriam as diferenças entre as noções de “masculinidade” e “virilidade” – ou mesmo se há diferenças. Em uma breve consulta a dois dicionários da língua portuguesa – Priberam <<https://dicionario.priberam.org/>> e Mini Aurélio (2000) –, a única grande diferença é que ambos descrevem a virilidade como “idade do homem entre a adolescência e a velhice”, o que não aparece em “masculinidade”. As demais definições são similares para os dois termos, como “ másculo”. O Priberam define “masculinidade” como “virilidade”, o que não ocorre no Aurélio. Neste texto, vamos priorizar o uso de “masculinidade”, usando “virilidade” apenas quando essa expressão for mencionada por autores/as citados/as.

ⁱⁱⁱ É necessário ressaltar que tanto Welzer-Lang (2001) quanto Baubérot (2013) frisam que tal configuração de família e do mundo das mulheres se refere às sociedades ocidentais. Welzer-Lang fala em “sociedades complexas” – termo bastante discutível e claramente etnocêntrico –, enquanto Baubérot menciona um modelo burguês-capitalista.

^{iv} Sigla de *Female-to-male*, mulher para homem.

^v “Performance” neste texto se refere às representações e atuações dos “atores sociais” na vida cotidiana, como mostra Goffman (2011). Não se trata, portanto, da performatividade, entendida por Butler (2020) “não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia” (BUTLER, 2020, p. 16). Assim, a performance é o ‘ato’ singular e deliberado mencionado pela autora.

^{vi} Simplificadamente, os homens “de verdade” são um grupo de homens, de variadas idades, da Zona Norte do Rio de Janeiro, todos socialmente posicionados como heterossexuais, que se reuniam aos domingos para promover churrascos e beber cerveja após jogarem futebol. Os “flexíveis” são os autointitulados g0ys, ou heteroflexíveis, homens que admitem práticas eróticas entre iguais, mas sem penetração – algo conhecido também como “broderagem”, de *brothers* (como parceiros, e não como irmãos de sangue), e “bromance”, junção de “*brothers*” “*romance*”; e os “que aguentam – o clone ou *macho man*, como menciona Tamagne (2013), são homens assumidamente homossexuais, mas que buscam performar uma masculinidade bastante exacerbada, em contraponto aos “afeminados”.

^{vii} Como exemplo, vale mencionar Lirio Mário da Costa, mais conhecido como Costinha (1923-1995), humorista e ator brasileiro que fez muito sucesso na TV. Seu repertório incluía anedotas sobre homossexuais, que eram chamados de “bichinhas”, apresentadas em variados programas televisivos. Costinha modificava sua voz, tentando fazê-la mais “feminina”, e adotava trejeitos e posturas corporais “de mulher”. Mais informações sobre o humorista estão disponíveis em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Costinha_\(humorista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Costinha_(humorista))>. Acesso em junho de 2022.

^{viii} Texto original: “*Intersectionality was introduced in the late 1980s as a heuristic term to focus attention on the vexed dynamics of difference and the solidarities of sameness in the context of antidiscrimination and social movement politics. It exposed how single-axis thinking undermines legal thinking, disciplinary knowledge production, and struggles for social justice. Over the intervening decades, intersectionality has proved to be a productive concept that has been deployed in disciplines such as history, sociology, literature, philosophy, and anthropology as well as in feminist studies, ethnic studies, queer studies, and legal studies*”.

^{ix} O termo “meia idade” é uma tentativa de limite cronológico bastante fluida. A imprecisão pode ser observada em uma breve consulta ao site *Google* pela expressão “meia idade o que é”. A primeira definição exibida, de um dicionário do próprio site, aponta que se trata da “época da vida entre a maturidade e a velhice, aproximadamente

entre os 40 e os 55 anos”. Já uma matéria publicada pela revista Veja em 16 de março de 2010 < <https://veja.abril.com.br/tecnologia/meia-idade-comeca-aos-35-e-termina-aos-58-diz-estudo/>> trata de um estudo da Universidade de Kent, na Grã-Bretanha, que indica que “a juventude termina aos 35 anos e a terceira idade começa aos 58”, e que o período de 23 anos entre uma e outra seria a “meia-idade”. Para a elaboração da pesquisa de doutorado que subsidia este artigo, optou-se por “limitar” inicialmente a “meia idade” como uma faixa etária entre os 40 e os 60 anos. Contudo, no desenvolvimento do estudo, houve entrevistas com homens um pouco abaixo e um pouco acima desses marcos etários.

^x “Coroa” é um termo utilizado para homens e mulheres, mas aqui nos atemos à sua aplicação para homens.

^{xi} É preciso ressaltar que tais denominações não são fixas: elas se confundem e se transformam, de acordo com os contextos relacionais e situacionais. Durante parte do processo de pesquisa, entre 2018 e 2019, questioneei alguns interlocutores sobre as diferenças entre “maduro” e “coroa”, e as opiniões foram variadas. Para um, 20 anos à época, “maduro” é “quem chegou nos 40 anos e tem uma mente mais formada e não de moleque; coroa é aquele homem que por mais que seja velho (passados dos 40) ainda se cuida e se mantém sempre jovem”. Outro, também de 20 anos, disse não ver diferença entre “maduro” e “coroa”, mas que adorava falar “‘coroa’, mais uma forma carinhosa de chamar”. E um terceiro, de 24 anos, disse que um homem seria “maduro” a partir dos 30 anos, e “coroa” a partir dos 40. Outra opinião veio de um interlocutor de 27 anos que também conhecia meu parceiro. Na ocasião da conversa, eu estava com 46 anos, e meu parceiro, com 51, mas o interlocutor não sabia nossas idades. Ele disse, então, que “maduro” era o homem a partir dos 40 anos, e que “coroa” era a partir dos 50 anos. Perguntei, então, se eu era “maduro” ou “coroa” e ele disse “coroa”. Quanto ao meu parceiro, ele disse que era “maduro”. Quando mencionei nossas idades, ele tentou se retratar que achou que eu era “coroa” por causa dos meus cabelos brancos – o que cria outra referência para tal diferenciação, que é nitidamente arbitrária e relacional.

^{xii} No final dos anos 1990, no Brasil, ganhou fama uma expressão similar à “tioção”: o “tio Sukita”. Era uma referência a uma série de comerciais de TV de uma marca de refrigerantes, na qual um homem “mais velho” tenta se insinuar para uma mulher adolescente e ela o chama de “tio”, deixando o homem desconcertado. A mensagem final do comercial é “Quem bebe Sukita não bebe qualquer coisa”, numa clara negatização do homem “mais velho”. Um dos comerciais está disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=wISos3bOOFI>>. Acesso em junho de 2022.

^{xiii} “As sociedades ocidentais modernas avaliam os atos sexuais de acordo com um sistema hierárquico de valor sexual. Os casais heterossexuais, ligados pelo casamento, estão sozinhos no topo da pirâmide erótica. Muito mais embaixo, nessa escala, estão os casais heterossexuais monogâmicos não casados, seguidos pela maioria dos outros heterossexuais. O sexo solitário oscila ambigualmente. O terrível estigma do século XIX sobre a masturbação continua em formas mais brandas e alteradas, como a ideia de que a masturbação é um substituto inferior para o encontro de parceiros. Casais estáveis, de lésbicas e de gays estão próximos da respeitabilidade, mas lésbicas de bares e homossexuais promíscuos estão pouco acima dos grupos que ficam na parte mais baixa da pirâmide. As castas sexuais mais desprezadas atualmente são os transexuais, os travestis, os fetichistas, os sadomasoquistas, os trabalhadores do sexo como prostitutas e modelos pornôs e, abaixo de todas as outras, aqueles cujo erotismo ultrapassa as fronteiras das gerações” (RUBIN, 2003, p. 22).

^{xiv} Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=CEmP240Iffg&t=4s>>.

^{xv} Disponível em < <https://poenaroda.com.br/contato/>>. Acesso em maio de 2022.

^{xvi} Ministrado pelo professor Leandro Teófilo, da UFRJ, e por mim no 2º Seminário Internacional Gêneros, Sexualidades e Educação na Ordem do Dia – Interseccionalidades em (Re)Existências e 1º Encontro Internacional dos Grupos de Pesquisas em Educação, Gêneros e Sexualidades, de 25 a 27 de agosto de 2021, em formato virtual.

^{xvii} Texto original: “*Hegemonic masculinity can be defined as the configuration of gender practice which embodies the currently accepted answer to the problem of the legitimacy of patriarchy, which guarantees (or is taken to guarantee) the dominant position of men and the subordination of women.*”